

“Se me cassarem, não sei se continuo vivo”

■ João Alves ataca CPI e sugere que se investigue mais o deputado José Geraldo, ligado ao esquema de corrupção das subvenções

RICARDO MIRANDA

BRASÍLIA — Em casa, num exílio que se impôs desde que foi apontado como o principal responsável pela manipulação de verbas do Orçamento, o deputado João Alves (sem partido-BA) afirmou ontem que não aceita ser cassado por uma CPI “que se transformou num palanque eleitoral” e está “fazendo um julgamento político, sem documentos nem provas testemunhais”. Muito irritado, Alves acusou o deputado Roberto Magalhães (PFL-PE), relator da CPI do Orçamento, de estar querendo se eleger governador de Pernambuco à sua custa. “Só cabe na cabeça dessa CPI querer me cassar”, reclama o deputado, que alerta: “Se me cassarem, não sei se saio vivo do plenário. Vou até as últimas consequências”, avisa. “Não sei o que sou capaz de fazer”, completa.

João Alves sugeriu ontem que a CPI investigue mais a atuação do deputado José Geraldo Quinzinho Ribeiro (PMDB-MG), ligado ao esquema de corrupção nas subvenções sociais. “Ele era mais afeito ao orçamento do que eu”, informa. Seja cassado ou não, o deputado decidiu se aposentar da política. “Não quero mais saber disso”, garante o deputado. Ele adianta que não vai ter dificuldades de sobreviver sem o salário de deputado. “Depois de 30 anos como deputado, tenho meus recursos. Ganhei muitos prêmios na loteria, apliquei bem o dinheiro e posso viver tranquilo”, informa o deputado, repisando a frase que imortalizou. “Fiquei rico com a ajuda de Deus”, diz.

O deputado continua jurando que é inocente: “Fui eu quem moralizou o orçamento, fui o guardião do dinheiro público. Ninguém fez safadeza com o orçamento perto de mim”.

Aldori Silva — 26/11/91



Para João Alves, “só cabe na cabeça dessa CPI querer me cassar”